

# O Sexo *Inútil*

*Ana Zanatti*

Da minha língua vê-se o mar.  
*Vergílio Ferreira*

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



«Queria muito encontrar uma palavra que denunciasse esta desrazão»: de como o amor pode transformar-se numa doença aos olhos de quem ama ou de quem a ele assiste.

Uma palavra que despertasse em todos a consciência de que o nosso valor é determinado por nós e não o podemos deixar à mercê dos outros, de que não podemos transformar a nossa dignidade e liberdade de ser, numa espécie de acção cujo valor sobe e desce consoante as tendências do mercado. Uma palavra que, mesmo quando sentimos que alguém desrespeita ou não reconhece a nossa humanidade, quando somos excluídos e ofendidos, mantivesse bem presente a nossa identidade e lhe desse a possibilidade de se manifestar na sua plenitude. Uma palavra que não permitisse que a nossa face vulnerável, o desejo de agradar, os medos e inseguranças abrissem uma brecha na nossa mais profunda identidade e uma mão estranha se apropriasse do que é nosso por direito inato.

«Não tenho essa palavra. Tenho só esta caneta. E a obrigação de não me calar, uma obrigação que me foi dada por habitar um lugar a que todos, num estado de direito, deveriam ter tido direito. Porque tenho, como alguns, alguma voz, da qual não me devo nem quero esquecer. Porque há aqueles que a não têm»... ou que temem usá-la.

«A palavra que eu queria, que condensaria o que está para lá da afronta que diariamente nos é lançada, o que está para lá do insulto à nossa capacidade [de amar], de pensar, e à nossa dignidade, talvez fosse a mais simples, como o mundo

e a vida poderiam ser. Se a encontrasse, talvez ela me servisse de mapa. Ou de bússola para um mundo de todos.

Mas não tenho essa palavra. Só esta certeza da importância dos outros ao meu lado. Só as suas vidas e o dizer das coisas, que ao nosso lado, e ainda que dentro do silêncio, gritam. E gritam<sup>1</sup>.»

O meu desejo de passar ao papel algumas reflexões sobre a dignidade e o preconceito vem de há muito. Ao longo de 40 anos fui reunindo cartas, *emails* e mensagens, nomeadamente de pessoas em sofrimento, pelas dificuldades em lidarem com a sua orientação sexual. Adultos, solteiros ou casados, e muitos jovens. Em todos transparece a angústia, a desorientação, o medo, o desânimo, a dignidade ofendida.

Desde a minha adolescência à de alguns jovens aqui referidos, decorreram quase 50 anos de grandes reviravoltas no mundo. Acabaram e começaram ditaduras, surgiu o movimento *Hippie*, ergueu-se e caiu o muro de Berlim, Martin Luther King foi assassinado, aboliu-se a segregação racial na África do Sul, foi eleito o primeiro presidente negro nos EUA, a Apple lançou o Macintosh, em 67 fez-se o primeiro transplante de coração seguido de impressionantes avanços na medicina, nasceu o primeiro bebé-proveta, identificou-se o chamado «buraco» na camada de ozono, colapsou a União Soviética, consolidaram-se democracias, globalizou-se o mundo e o capitalismo, deu-se o mais rápido desenvolvimento tecnológico da história, assiste-se ao esgotamento do sistema capitalista.

Pelo caminho deu-se uma revolução sexual que já vinha sendo apontada desde a *Belle Époque*, com o desejo de fazer coincidir amor e sexualidade. Impulsionada pelos acontecimentos de Maio de 68, em Paris, a revolução das décadas de

<sup>1</sup> Os excertos entre aspas são extraídos do artigo «Ou novamente o povo», de Ana Luísa Amaral, publicado no jornal *Público* em 15 de Setembro de 2013.

60 e 70 traz uma explosão da sexualidade reprimida ao longo de séculos no Ocidente. Luta-se contra a autoridade, contra a tradição, contra a interdição do prazer. Controla-se a natalidade com a pílula, legisla-se a favor da interrupção voluntária da gravidez, acentuam-se as lutas pelos direitos da mulher, combate-se o sexismo, o machismo. A sexualidade é o estandarte. Uma nova mística à qual Portugal, sempre adoentado, parece estar alheio.

Por cá, atravessa-se a guerra colonial e a agonia do regime de Salazar, as mulheres só passam a ter pleno direito de votar três décadas depois das francesas, na década de 70, bem como, se casadas, a poder transpor a fronteira sem autorização do marido. Dá-se o 25 de Abril em 1974, em 2001 passam a ser permitidas as uniões de facto entre homossexuais, em 2010 é aprovado o acesso ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

A lei vai à frente legitimar o que ainda parece não ser legítimo para muitos, mas não muda mentalidades só porque é homologada. A homofobia não acaba por decreto. Na correspondência que recebo, no que observo e na informação que me chega, a maioria dos homossexuais continua ainda a temer ser descoberta, e muitos, a temer sentirem-se como tal. Tudo em nome de uma moral castradora e do receio do julgamento alheio. Uma moral hipócrita que teima em legitimar apenas o sexo que considera útil, porque procria. Mas, como se lê no livro *Memória de lápis de cor*, de José António Almeida<sup>1</sup>: «O amor é sempre gratuito, mesmo quando procria. O amor nunca é infecundo, mesmo quando não pode procriar. O amor, todo o amor do mundo, vale por si mesmo porque é a própria essência de Deus.» E quando me deparo com as questões de tantas pessoas encarceradas no medo, na vergonha e na culpa, pergunto-me se, em vez de entregarmos a quem nos julga o poder de nos atribuir ou não um valor,

<sup>1</sup> José António Almeida, *Memória de lápis de cor*, editora &etc, 2014, p. 39.

porque não desenvolvermos uma consciência mais plena da grandeza e legitimidade do que sentimos, e usar esse poder a nosso favor?

*Eu sou contra a tolerância, porque ela não basta. Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente ainda é pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade mas de superioridade de um sobre o outro.*

José Saramago

«Não entendo porque têm os homossexuais tantos problemas se hoje já toda a gente tolera e aceita.» Tolerar não é incluir, e também a palavra «aceitar», quando empregada neste caso, é por si só discriminatória. Ninguém se lembra de dizer que aceita alguém por ser heterossexual. E sabemos bem que as tão apregoadas «tolerância e aceitação» estão longe de ser integradas por todos<sup>1</sup>. Apercebo-me até de que a maioria não tem argumentos para defender este preconceito, mas o medo do que os outros pensam sobrepõe-se e, dessa forma, perpetua-o. O risco de um homossexual ser mal visto, discriminado, ridicularizado, gozado, é real.

Só um inconsciente ou suicida se atira de um avião sem pára-quadras ou atravessa a selva africana sem se munir de protecções.

<sup>1</sup>. A Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (The European Union Agency for Fundamental Rights) desenvolveu, em 2012, inquérito *online*, ao longo de 4 meses, sobre discriminação e vitimização de pessoas LGBT, ao qual responderam 93 079 pessoas: 67% presenciou, nos empregos, comentários ou atitudes negativos em relação a colegas que se sabia serem homossexuais. Fonte: [http://fra.europa.eu/sites/default/files/eu-lgbt-survey-results-at-a-glance\\_en.pdf](http://fra.europa.eu/sites/default/files/eu-lgbt-survey-results-at-a-glance_en.pdf)

É o que fazem muitos homossexuais, invadidos pelo medo do que podem ter de enfrentar. Protegem-se como podem, camuflando uma parte de si, nos ambientes onde não se sentem seguros, geralmente no trabalho e em família, ou, pior ainda e não menos frequentemente, reprovando-se, negando para si mesmos essa sua faceta.

Muito se tem caminhado, no sentido de erradicar o preconceito que pesa sobre a homossexualidade, no Ocidente. Através de livros, de sessões de esclarecimento, de grupos que agem no terreno, de grupos de pressão junto da classe política, para que a lei seja mais justa e igualitária. Einstein tinha razão ao afirmar que «é mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito». São ainda inúmeras as manifestações homofóbicas de toda a ordem nas famílias, nas escolas por parte de alunos e professores, nos ambientes de trabalho, em grupos organizados ou não, em perseguições e crimes que os jornais noticiam. Inúmeros os países, 76 em 2011<sup>1</sup>, onde a homossexualidade tem pena pesada ou de morte, como no Uganda, Somália e Mauritània. Ainda em 2013, foi aprovada na Rússia uma lei que proíbe «a promoção de relações sexuais não tradicionais». A Declaração Universal dos Direitos Humanos anuncia um mundo onde todos, sem exceção, nascem livres e iguais em dignidade e direitos, mas, apesar das leis, verificam-se, em muitos casos, retrocessos preocupantes.

E embora neste nosso país de «brandos costumes» tudo pareça um mar de rosas, engana-se quem assim pensar, basta falar com psicólogos e consultar algumas estatísticas. Não

<sup>1</sup> O relatório anual de 2011 do Alto Comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas denuncia a existência, em vários países, de legislação discriminatória e actos de violência contra indivíduos, com base na orientação sexual ou identidade de género. De salientar que relações sexuais consensuais entre adultos do mesmo sexo ainda são criminalizadas em 76 países. Fonte: *Annual report of the United Nations High Commissioner for Human Rights and reports of the Office of the High Commissioner and the Secretary-General. IV – Discriminatory laws and practices and acts of violence against individuals based on their sexual orientation and gender identity.*

é uma visão pessimista mas, antes, realista porque só a partir dela podemos continuar a transformar e evoluir.

A Celeste (nome fictício) foi uma das inúmeras pessoas com quem falei. Algumas irão desfilarem ao longo destas páginas. A maioria com um grande desconhecimento sobre esta matéria como se verá por alguns testemunhos de mães e pais, famílias apanhadas de surpresa.

Tem 38 anos, uma voz clara, e tom decidido e amável. Mostrou-se inteiramente disponível para falar comigo, onde eu quisesse, no seu dia de folga. É enfermeira.

Fui ter com ela, no dia marcado, junto a uma bomba de gasolina perto de sua casa. Uma mulher sorridente de aspecto jovial e decidido vem ao meu encontro. «Vamos para uma esplanada ou para minha casa?» «Sente-se à vontade para conversarmos deste assunto numa esplanada?», pergunto, temendo que a presença de outras pessoas a iniba. «Sim, é melhor na minha casa.» Entra para o meu carro, a casa é perto, num bairro residencial. Um apartamento onde vive com o marido, o filho e um cão. Falamos de banalidades, manifesto-lhe o meu gosto por animais mas ela insiste em guardar o cão no quarto do filho porque é muito irrequieto. Quer ir directa ao assunto, sinto nela um espírito lutador que não se deixa vencer à primeira, um à-vontade próprio de quem fez tudo para digerir a questão, por amor à causa que está disposta a defender: a integridade e a dignidade do filho.

«Soube a 23 de Novembro de 2011, quando ele tinha 16. Ele andava-me a faltar aos domingos em casa e, quando eu perguntava, dizia que tinha estado com cinquenta amigos, sessenta amigos. Mas quem são? Amigos com quem me encontro na Expo. Disse ao meu marido: ele anda metido num gangue, de certeza! Um dia não o deixei sair e disse-lhe que se eram amigos deviam estar no Facebook e que queria ver as fotos. Ele mostrou-me e eu comecei logo a dizer: este é *gay*

e este também, percebia-se... O que andas tu a fazer com esta gente? Mãe, disse o Cláudio, eu sou bi. Não há cá bis. Ou és homo ou hétero. Então sou homo, disse ele. Caiu-me tudo. Chorei, chorei durante três meses. Apenas pela descendência, porque o meu sonho é ser avó. De tal modo que, no ano anterior, tinha levado de férias connosco uma amiga dele e pu-los aos dois no mesmo quarto a ver se pegava... Ele não tem tiques nem nada que se note, nunca desconfiei, foi um balde de água fria.

Ó filho, e agora, não vou poder ter netos; mas ele disse-me que talvez um dia... Mas como é que sabes que és?, perguntei, estiveste com alguma rapariga? Ele explicava-me que a questão não era assim, mostrou-me o *site* da rede ex aequo<sup>1</sup> mas eu estava desorientada. Culpei o meu marido por não o levar às putas, não jogar à bola com ele, não o levar ao futebol, por não ter mais pulso. Mas o meu marido é mais liberal e explicou-me que era uma orientação, até lhe deu parabéns pela coragem dele. Sentia-me perdida, não sabia lidar com a situação, onde teria eu errado? Nunca o obriguei a lavar a loiça nem nada dessas coisas, sim, que conheço casos, o filho de uma amiga que também é homossexual, sempre foi dado a arrumações em casa e eu associava a homossexualidade a essas coisas. O meu filho é o maior porco do mundo, não arruma nem limpa nada. Depois descobri a AMPLOS<sup>2</sup> que me ajudou muito.

Mas depois da confissão dele ficámos mais próximos, tentei mimá-lo mais, tinha muito medo que na escola lhe fizessem mal. Nessa altura precisei de falar com amigas e colegas que me apoiaram, quis conhecer as discotecas *gay* onde ele

<sup>1</sup> Rede ex aequo – Associação de jovens LGBT – Apoio à juventude LGBT – informação social sobre questões da orientação sexual e identidade de género – geral@rea.pt.

<sup>2</sup> AMPLOS – Associação de mães e pais pela liberdade de orientação sexual e identidade de género; <https://amplosbo.wordpress.com/>; amplos.bo@gmail.com; Lisboa 918 820 063; Porto 913 814 884.

ia, fui com ele algumas vezes e senti-o felicíssimo por me ter ao lado, nessas discotecas, nas festas da ILGA<sup>1</sup>, no festival de cinema *gay*, sinto que ele gosta muito de me ter com ele. No outro dia anunciou-me que fumava e disse: Ó mãe, só te dou desgostos, sou homossexual, agora fumo... Mas eu respondi que o pior era o fumo...

Agora é lutar, lutar pelos direitos dele no futuro, ele não luta tanto mas eu vou a tudo, marchas do orgulho *gay*, arraiais, reuniões das Associações. E o meu marido também, vai de megafone e tudo, às marchas.

Só chorei à frente dele no primeiro dia, mas nos primeiros três meses olhava para ele e só via o homossexual, depois com o tempo comecei a ver o bom filho, o bom estudante. Às vezes ainda tenho esperança... Se eu tivesse outro filho sempre atenuava mas o medo que lhe façam mal é o pior.

A discriminação, as reacções homofóbicas, o *bullying*, tenho muito medo, embora, como não o vejo efeminado, fique mais tranquila. Mas vejo que ainda há muitos homofóbicos. No hospital onde trabalho, por exemplo, apareceu há tempos um travesti com cinco facadas e o médico de serviço disse logo que era bem feito para ele aprender. Ora, ter que engolir isto é duro. E um técnico das radiografias no mês passado, depois de ter feito um Raio X a um rapaz muito efeminado, mal ele saiu, foi a correr desinfetar as mãos. Nunca mais olhei para ele da mesma maneira. Há muita discriminação, pela frente, quase todos disfarçam e falam bem, mas pelas costas, é só comentários e chacota.

No dia de Natal desse ano da revelação, estávamos a almoçar em família e eu queria pôr o assunto na mesa, mas mal se falou em homossexuais o meu irmão saiu-se a dizer que eram uns anormais, uns homens monstruosos. E o meu filho presente. Dei dois murros na mesa e saí, desde aí morremos um

<sup>1</sup> ILGA – Associação de defesa dos direitos de lésbicas, *gays*, bissexuais e transgénero. ILGA Portugal – <http://ilga-portugal.pt/> Linha lgbt: 218873918/22.

para o outro. O meu irmão foi logo informado do meu filho mas nunca lhe pediu desculpa.

Também tive muito medo das doenças porque associava a homossexualidade à promiscuidade, hoje não, vejo que há muitos casais com relações estáveis, casados, com filhos.

Mas também as mães precisam de fazer o *coming out*, é importante que assumam os filhos, não os escondam. No dia em que isso acontecer, isto muda.

Hoje se me perguntam: o teu filho tem namorada?, eu digo que não, que tem namorado. E tenho tido boas surpresas, até no serviço, veja bem como o mundo é pequeno, já vieram duas mães ter comigo porque também têm filhos homossexuais, uma até quis pôr o filho na rua e eu dissuadi-a.

Há muitos pais com vergonha dos filhos, esta minha amiga às vezes vai com o filho, que é muito efeminado e tem alguns tiques, e chama-o à atenção mas ele é assim, coitadito, revoltou-me de ver os pais a oprimirem os filhos. Eu um dia ainda vou para o *Big Brother* dizer que sou uma mãe AMPLOS para as mães começarem a apoiar. As mães têm muita força.

A minha mãe é que sempre soube. Disse-me logo: então não te lembras quando o Claudinho era pequeno e vestia um saiote? Mas como ele gostava muito de teatro pensei que fosse só isso, embora ela também me tivesse contado que um dia, quando o foi buscar à escola, ouviu um miúdo chamar-lhe paneleiro. Eu pensei que fosse um daqueles insultos que os miúdos atiram, nunca me passou pela cabeça. Ah, uma vez também fui cuscar uma conversa dele na Net com uma amiga e ela tinha escrito: «meu gayzinho preferido» e eu pensei: *Gay?! Mas ela é parva? E olhe, esqueci aquilo. Via-o tão normal, sempre rodeado de miúdas, sim, que ele desde sempre se deu mais com raparigas do que com rapazes. Ele é especial. Há tempos paguei-lhe para ir para o acampamento gay porque achava que era muito saudável os gays juntarem-se todos. Mas ele disse que não se sentia bem naqueles grupos porque só falavam de pilas e eu aproveitei e disse logo: então*

não vás! Deixa estar que vou eu! Ele não se identifica com essas conversas.

Tinha tantos sonhos para ele, que ele ia ter filhos e eu ia cuidar dos netos. Depois acabei por descobrir que na minha família há mais *gays*, pelo menos três. Ainda há tempos me contaram que a minha prima tem uma filha assim, e eu: O quê, a prima Elsa também é?

Agora queria que ele me desse um genro, gostava que ele namorasse.»

Somos treinados para conviver com o que devíamos combater, e combater ou discriminar o que devíamos incluir e abraçar. Convivemos tranquilamente com a pobreza, a violência e a miséria de espírito. Temos sido educados a não dignificar, ou a olhar de viés e criticar, algumas diferenças entre as quais a transexualidade e o transgenerismo, e as orientações sexuais não normativas, como a homossexualidade. Um assunto para não ver, não nomear, muitas vezes nem dentro nem fora de nós, ou para maltratar. Tapa-se com poeira, mascara-se com artifícios corrosivos para a alma.